

**DESAFIOS DA TRADUÇÃO LITERÁRIA: POETAS BAIANAS
EM OBRAS NÃO CANÔNICAS**

Cleber Nogueira Aleluia de Souza (UNEB)
clsnogueira@yahoo.com.br

RESUMO

O presente trabalho propõe-se analisar poemas de mulheres baianas escritos em português com a respectiva tradução em língua inglesa, sob a ótica da tradução literária. Aborda o papel do tradutor e o processo de ser fazer literatura através da tradução, elucidando questões pertinentes à tradução literal e à tradução de equivalência, ao passo que destaca a importância da apresentação do texto na língua de partida e como ele deve se comportar na língua de chegada. Outro aspecto importante que é discutido neste trabalho são as considerações feitas e sustentadas por teóricos acerca da literatura fora do cânone e sua importância na produção do conhecimento. Para tanto, o desenvolver deste trabalho contou com uma revisão de literatura, importando nomes de estudiosos que embasaram os estudos sobre o tema abordado, a exemplo de Douglas Robinson (1991), Bassnett (2003), Britto (2012), Paz (1971), Achugar (2006) e Souza (2002).

Palavras-chave:

Poema. Tradução. Não canônico.

ABSTRACT

The present work aims to analyze poems by women poets from Bahia written in Portuguese and in English, from the perspective of literary translation. It points out the role of the translator and the process of making literature through translation, elucidating issues related to literal translation and equivalence translation, while highlighting the importance of presenting the text in the source language and how this text is presented in the target language. Another important aspect that is discussed in this work are the considerations made and supported by theories about literature outside the canon and its importance in the production of knowledge. To this end, the development of this work is based on a literature review, importing the names of scholars who have based studies on the subject, such as Douglas Robinson (1991), Bassnett (2003), Britto (2012), Paz (1971), Achugar (2006) and Souza (2002).

Keywords:

Poem. Translation. Non-canonical.

1. Os desafios da tradução

Aprende-se, em parte, a falar bem uma língua quando se observa o que os corpos dos falantes nativos fazem ao usar a língua: como movem suas bocas, como gesticulam e mudam o peso do gesto, como tropeçam nas palavras, onde e como pausam, como usam a entonação para ênfase, ou seja, como atuam na fala. Mas mesmo isso não será suficiente se se tratar de

algo mecânico, se você simplesmente observar os corpos dos falantes nativos e imitá-los. Você tem de fazer mais do que observar; você tem de intuir, sentir o que os seus corpos estão fazendo por dentro, sentir como eles sentem quando falam. (ROBINSON, 1991, p 16)

Consideramos na tradução dois pontos: uma língua de partida e uma língua de chegada. Sobre a língua de partida podemos considerar a língua fonte da informação, ao passo que a de chegada configura-se como língua alvo. A partir desse entendimento, temos como principal objetivo da tradução, a transmissão de uma ideia de uma língua para outra. Na concepção de Bassnett (2023),

[...] A tradução consistiria em transferir o ‘sentido’ contido num conjunto de signos linguísticos para outro conjunto de signos linguísticos através do recurso competente ao dicionário e à gramática; contudo, o processo envolve também um vasto conjunto de critérios extralinguísticos. (BASNETT, 2023, p. 35)

Em todo processo tradutório é necessário levar em consideração algumas variáveis, visto que nem sempre uma determinada tradução será linear ou simples de ser feita. Na maioria dos casos, nos deparamos com obstáculos naturalmente apresentados, que são inerentes à própria língua, dificultando, assim, a transmissão de sentido para a língua de chegada.

Para termos uma “boa” tradução como resultado, devemos levar em consideração alguns aspectos, e um deles é o domínio da língua de partida. É preciso conhecer bem a língua fonte, para que não ocorra, eventualmente, deslizos ou erros grosseiros que prejudiquem o entendimento do texto. Além do profundo conhecimento da língua, é indispensável que o interlocutor tenha uma boa interpretação. Em alguns casos, pode-se contar com um tradutor com conhecimento satisfatório da língua, entretanto, com pouca habilidade em transmitir a mensagem, impactando, assim, no entendimento por parte de quem está recepcionando a mensagem. Desse modo, uma boa articulação demonstrará também aptidão interpretativa do tradutor. Outro critério que deve fazer parte do processo de uma boa tradução e que deve ser levado em consideração é o vasto conhecimento linguístico e cultural na língua de chegada.

Na tradução, o autor deve escolher qual das línguas ele irá dar mais ênfase: se a língua de partida ou a língua de chegada. A escolha irá acarretar diretamente o entendimento da mensagem, visto que em determinadas situações, por limitações impostas pela própria língua, o texto traduzido pode não fazer qualquer sentido, devendo-se, pois, optar por uma tradução que traga um determinado nivelamento ou igualdade de entendimento, assim, abrindo mão de uma tradução literal e optando por

uma tradução de equivalência, o que, na concepção de Jakobson (1971, p. 65) são “duas mensagens equivalentes em dois códigos diferentes”.

Ao passo que a tradução de equivalência tem por premissa dar um sentido de igualdade ao texto traduzido, por outro lado, temos a tradução literal, que vez por outra esbarra na problemática semântica do texto requerendo uma contextualização, levando em consideração aspectos intrínsecos que envolvem uma língua. Nesse sentido, Francis Albert (1987), enxerga a tradução sob a seguinte perspectiva:

Traduzir é desviar; sem desvio não há tradução, mas tão somente cópia, mais ou menos imperfeita. A fidelidade à mensagem exige, portanto, uma infidelidade à forma, que será tanto maior quanto mais sensíveis às divergências léxico-gramaticais, sociolinguísticas e antropológicas entre os universos textuais de partida e de chegada de ato tradutório. (AUBERT, 1987, p.15)

A tradução literal pode trazer mais prejuízos do que benefícios, visto que as línguas carregam consigo características construídas a partir de contextos histórico e sociocultural. Na perspectiva de Octávio Paz (1971), a tradução literal deve ser evitada:

Não digo que a tradução literal seja impossível, mas que não é uma tradução, é um dispositivo, geralmente composto por uma sequência de palavras, para nos ajudar a ler o texto na sua língua original. Algo mais próximo do dicionário do que da tradução, que é sempre uma operação literária. Em todos os casos, incluindo aqueles que é necessário apenas traduzir o sentido, a exemplo nas obras que estão relacionadas à ciência, a tradução implica em uma transformação do texto original. Assim, essa transformação não é, tampouco pode ser, senão uma tradução literária visto que todas as traduções se configuram operações que servem dos dois modos de expressão, que de acordo com Roman Jakobson, se reduzem todos os procedimentos literários: a metonímia e a metáfora.¹¹ (PAZ, 1971, p. 9) (tradução nossa)

Na ótica de Queiroz (2009 *apud* PAZ, 1971), a tradução está intimamente ligada com literatura e poesia. No entanto, Queiroz esclarece que nos últimos anos, devido talvez ao imperialismo da linguística, tende-se a minimizar a natureza eminentemente literária da tradução. Do

¹¹ No digo que la traducción literal sea imposible sino que no es una traducción. Es un dispositivo, ge neralmente compuesto por una hilera de palabras, para ayudarnos a leer el texto en su lengua original. Algo más cerca del diccionario que de la traducción, que es siempre una operación literaria. En todos los casos, sin excluir aquellos en que sólo es necesario traducir el sentido, como en las obras de ciencia, la traducción implica una transformación del original. Esa transformación no es ni puede ser sino literaria porque todas las traducciones son operaciones que se sirven de los dos modos de expresión a que, según Roman Jakobson, se reducen todos los procedimientos literários: la metonimia y la metáfora.

mesmo modo que a literatura é uma função especializada da linguagem, a tradução é uma função especializada da literatura. Quando as máquinas traduzem, fazem também uma operação literária e que não é distinto do que fazem agora os tradutores: literatura. O ponto de partida do tradutor não é a linguagem em movimento, matéria prima do poeta, mas a linguagem fixa do poema. A atividade do tradutor é paralela a do poeta, com esta diferença marcante: ao escrever, o poeta não sabe como será seu poema, ao traduzir, o tradutor sabe que seu poema deverá reproduzir o poema que tem diante dos seus olhos. Em seus dois momentos, a tradução é uma operação paralela, ainda que em sentido inverso à criação poética. Tradução e criação são operações gêmeas. Queiroz finaliza, afirmando que o sucesso de Laforgue, na poesia inglesa e na língua castelhana é em exemplo da interdependência entre criação e imitação, tradução e obra original.

Diante do exposto, é claramente perceptível que o literário e a prática do tradutor caminham de mãos dadas no cenário da tradução. Coadunando com a ideia de Paz no que diz respeito a indissociabilidade de tradução e literatura, Britto (2012), faz a seguinte afirmação:

Mas voltamos aos estudos da tradução. No novo clima intelectual dos anos de 1980, ocorreu um questionamento de antigos pressupostos e preconceitos sobre tradução, análogo ao que ocorreu no campo da teoria da literatura. Em reação à ideia do senso comum segundo a qual a tradução é uma mera operação mecânica de substituição de palavras de um idioma pelas do outro, passou-se a enfatizar a importância do texto traduzido como obra literária com valor próprio. (BRITTO, 2012, p. 10)

Entende-se que o texto traduzido transcende o significado isolado das palavras ou frases. Deve-se, portanto, adotar estratégias e meios que tragam significados com o mesmo valor do texto original. Segundo o pensamento de Britto (2012), o tradutor precisa mergulhar no pensamento e no estilo do autor para que possa compreender a mensagem que ele está tentando passar naquela língua, ir em busca do equilíbrio da cultura e das palavras e expressões que darão sentido, não igual, mas semelhante ao texto original. O modo de pensar é particular em cada língua, logo o que deve ser traduzido é esse modo de pensar e não necessariamente a palavra em si. Quando o tradutor compreende o modo de pensar do autor, ele consegue entender o que o texto está dizendo e, a partir desse ponto, dizer aquilo na sua língua. Não havendo equivalência de palavras na segunda língua, deve-se reconstruir uma estrutura que se aproxime do texto original.

Para que o autor tenha efetivamente êxito na dinâmica de decodificar a mensagem de uma língua para outra, há que se ter em mente, a necessidade de adequação de uma estrutura arquitetada na língua de chegada que dê conta de abarcar a mensagem da língua de partida. Esse processo só é possível, segundo Aubert (1987), quando existe o desvio. É preciso desviar da forma para que haja uma tradução inteligível. Deste modo, o interlocutor irá mudar palavras e expressões que originalmente estavam na língua de partida, porém a língua de partida não deverá ser de todo descaracterizada, sendo necessário resguardar aspectos de ambas as línguas para que assim, de forma harmoniosa, o entendimento seja o mais próximo possível do sentido real da língua de partida.

É importante pontuar que o processo de tradução requer do tradutor uma sensibilidade que busque ultrapassar a questão mecânica da tradução. É preciso trazer para o texto de chegada a essência do texto de partida, o sentimento e o sentido expressos nele, é preciso transmitir ao leitor o peso que o autor do texto depositou em determinada palavra, como as pausas são dadas, onde e como as entonações acontecem. De acordo com Douglas Robinson (1991), nem mesmo isso será suficiente caso o tradutor apenas imite o autor, se preocupando apenas com tradução do código linguístico. É necessário ir além, mais do que observar, é preciso intuir, sentir o impacto das palavras, das expressões, sentir como sente o autor.

Obviamente, um dos requisitos de um bom tradutor também tem algo a ver com essa autoprojeção identificatória e imaginativa no corpo de um falante nativo. Se você não sente o corpo do texto de partida, terá pouca chance de criar um texto de chegada fisicamente tangível ou emocionalmente vivo. O texto de chegada que você redigiu vai soar como mensagem criada pelo computador: sem vida, sem sentimento. (ROBINSON, 1991, p. 17)

Traduzir um texto de um idioma para outro requer mais do que (possuir) habilidades técnicas e linguísticas. O tradutor levará para o texto de chegada muito de si, das suas atribuições socioculturais, do seu conhecimento, de suas vivências e do seu contexto de vida. De modo geral, pode-se inferir que uma boa tradução é aquela em que o interlocutor busca, com diligência e responsabilidade executar uma tarefa visando produzir significados e levar conhecimento ao leitor.

2. *Tradução de obras não canônicas*

Feitas tais considerações preliminares que abordam os conceitos de tradução, o processo percorrido pelo tradutor para transformar um texto em uma língua de partida em um texto na língua de chegada, a qual nos é familiar, produzindo sentido e proporcionando ao leitor uma imersão de conhecimento do que, até então, lhe parece estranho, bem como acerca do imbricamento da tradução e literatura, é pertinente analisar traduções de obras no campo literário que elucidem na prática o que estamos discutindo até este ponto.

Quando adentramos ao mundo da tradução literária, logo nos remetemos a grandes nomes e obras que são clássicas e que figuram na literatura, consideradas pela crítica como trabalhos consagrados e de grande relevância no contexto cultural, literário e artístico. Podemos aqui citar como exemplo as obras de imenso destaque de William Shakespeare, dentre outros autores de renomes e que têm uma grande evidência no cenário literário mundial. De acordo com Fraga (2013, p. 2), o papel da crítica hegemônica em classificar nomes e obras renomados, acaba por deixar à margem escritores relevantes dentro do panorama da formação das literaturas: “ao eleger a inclusão dos nomes e obras, o crítico acaba por cair na ideia de exclusão, corroborando para a marginalização nas literaturas”. Na concepção da autora, “o que se nota é uma necessidade de se pensar em diferentes públicos, épocas, histórias e contextos aceitando que muitas obras não acatadas pela hegemonia do cânone não são destituídas de valores estético-literário, histórico, cultural, político, artístico e outros” (FRAGA, 2013, p. 2). Assim, é imperioso que se tenha um olhar atento e cuidadoso para obras que enriquecem a cultura de um lugar/país, contribuindo nas diferentes manifestações artísticas e literárias. No tocante a este ponto, Eneida Souza (2002), tece a seguinte crítica:

Diante da incapacidade de viver com o babélico e o indefinido, o discurso da crítica literária reveste-se de um aparato moderno para impor os seus critérios de qualidade, ignorando, muitas vezes, as condições históricas da produção poética, ao defender a obra pelo seu valor literário (porque intrínseco ao objeto), condição que lhe conferiria universalidade e vida longa. (SOUZA, 2022, p. 4)

Paralela a essa crítica, Fraga (2013), se posiciona de maneira semelhante, corroborando com o pensamento acima explicitado, quando faz a seguinte apreciação:

Atualmente, é preciso revisitar a história e explicitar que a hegemonia do cânone não deixa de ser consagrada, não pode deixar de ser lida, é importante ler os clássicos canônicos, mas é importante observar que há obras

de excelentes qualidades literárias, de valores culturais, históricos e híbridos, para os quais o leitor não pode fechar os olhos. (FRAGA, 2013, p. 6)

Isto posto, é de fundamental importância que a literatura contemporânea encontre espaço nos circuitos culturais, criando nas pessoas o sentimento de se desvencilhar da ideia de literatura clássica como única produtora de cultura e que fora do cânone não se faz ou não há literatura. A diversificação das leituras traz solidez cultural para quem absorve esses conteúdos. É preciso rechaçar a não aceitação por parte de uma comunidade que permeia o cenário canônico em relação às manifestações artísticas que são consideradas como subculturas. É crucial que a escola e a academia proporcionem aos seus estudantes um canal de acesso à literatura que é produzida por autores, que segundo a crítica são considerados sem valor e que ocupam um lugar de esquecimento, “espaços incertos que obrigam a repensar. A repensar arte, cultura, literatura, toda a nossa vida” (ACHUGAR, 2006, p. 26). O autor tece uma crítica veemente quanto a esse espaço. Lugar de construção e de produção de conhecimento que é marginalizado pela crítica hegemônica:

[...] esse lugar da carência, que é o lugar da produção de valor, a partir da periferia ou da margem. (Margem e periferia são, em meu discurso praticamente intercambiáveis). Esse é, para o Primeiro Mundo, para aqueles que entendemos como hegemônicos no Primeiro Mundo – deixando de lado as dissidências que o habitam –, para o hegemônico... o lugar da carência. (ACHUGAR, 2006, p. 9)

O contato com textos literários de autores não canônicos traz consigo uma possibilidade imensurável de perceber e absorver a arte em suas diferentes nuances. Uma literatura escrita por mulheres, negros, lgbtqia+ certamente fornecerá ferramentas para uma reflexão crítica sobre uma literatura popular, sobre temáticas que fazem parte do seu cotidiano, temas urgentes que precisam ser questionados, discutidos e levados em consideração, dada a sua relevância. Quem recebe essa literatura encontra espaço para pensar, discutir e construir a partir do olhar e do posicionamento do outro.

À luz da tradução literária de obras não canônicas, analisaremos a seguir, poesias que fazem parte de uma antologia de poetisas baianas. A análise será feita de acordo às características de cada poema, não seguindo assim, uma regra cristalizada para os poemas escolhidos. A respeito do debate da literatura canônica e/ou não canônica, abro aqui um parêntese para dar um respiro aliviado, fazendo referência à declaração de Achugar (2006):

A melhor solução será a de dizer que sou poeta. Aos poetas tudo é permitido, tal qual aos loucos, às crianças e a todos que, de uma maneira ou de outra, demonstram ser irresponsáveis ou não merecem ser levados em conta. Enquanto poetas, somos livres ou, pelo menos, é nisso que queremos acreditar. Se não tenho a liberdade de escrever o que me dá vontade, não faz sentido escrever. Também isso. Em algum lugar, preciso defender a escrita como um espaço de liberdade. (ACHUGAR, 2006, p. 10)

As poesias apresentadas abaixo foram retiradas da coletânea “Poetas baianas – Woman poets from Bahia”. Escritas por autoras baianas, apresenta-se em português e versão em inglês. A obra é organizada e traduzida por Sarah Rebecca Kersley.

Autora: Hosanna Almeida
oração contrária
(ou clamores instagramáticos)

you precisa ler esse texto
sobre coisas as quais you
já sabe mas não põe em pr
ática porque não se respeit
a suficientemente para acre
ditar em suas próprias verd
ades e intuições porque é se
mpre necessário que alguém
de fora valide os pensamento
s que you mesma tem porqu
e no fim das contas you não a
credita em you.....

you precisa ler esse texto porqu
e me disseram que é tão bom beb
er água de coco do caribe com lim
ão siciliano cultivado nas maldivas e
eu acho que you aí na sua casa no br
asil no nordeste aí mesmo nesse lugar
dos sonhos aí que delícia eu amo tranco
so precisa fazer e x a t a m e n t e como e
u lhe disse porque a minha opinião diretam
ente das maldivas é altamente incontestável

you precisa desesperadamente ler esse text
o porque tudo o que eu lhe digo daqui desta p
erspectiva se aplica perfeitamente na sua vida c
uja vida eu não conheço nunca vi qual seu nome
mesmo é sempre um prazer me sinto verdadeiram
ente honrada por todo esse carinho então já viu meu
último texto então acho que you precisa muito ler esse tex

Em a anatomia dos parenteses (URUATU, 2020)

**inverted prayer
(or instagramatic outcries)**

you need to read this text
about things you know already but that you don't put
into practice because you don't have the sufficient level of
self-respect to believe in your own truths and intuitions because
you always need someone else to validate what you yourself
are thinking because at the end of the day you do not believe in your
self.....

you need to read this text because
they told me it's so good to drink coconut water from the caribbean with lemons
grown in in the maldives and I think that you over there in your house in brazil
I in the northeast yes over there in that place dreams are made of oh it's so sweet over there
I just love trancoso and you have to do exactly what I said because my opinion reaching you directly from
the maldives must absolutely in no case ever be disputed

you desperately need to read this text because everything I'm telling you from here from this perspective can be
perfectly applied to your life a life I do not know and one I've never seen what was your name again it's always a pleasure I do
feel truly honoured with all this affection you're giving me so have you seen my latest text well I think you really need to read this text

In a anatomia dos parenteses (URUATU, 2020)

O texto acima nos convoca a lê-lo para além de sua mensagem poética, mas principalmente performática. Embora seja feito um convite, o texto exige atenção, pois as palavras que foram “quebradas” a cada fim do verso, podem oferecer um outro sentido ao texto caso o leitor não se atente que ali há um rompimento, mas semanticamente mantem o seu sentido. O rompimento deve ser apenas visual. O convite, então, pode não ser apenas um convite, mas uma espécie de intimação que não pode ser feita com desatenção. Há um outro detalhe que chama atenção que é a ausência de pontuação, o que nos leva a ter um sentimento de urgência por dizer algo. A leitura se torna apressada, nos dando a sensação de que esse tempo está acabando, culminando com a última palavra inacabada do último verso. Nota-se que o texto foi todo escrito em letras minúscu-

las, inclusive o início de cada verso. Isso talvez denote a não hierarquização das palavras, todas elas assumindo a importância na mesma medida.

Observa-se que no processo de tradução, a tradutora buscou reproduzir a maneira como o texto foi escrito, respeitando inclusive a forma como ele é apresentado. As normas de separação silábica em língua inglesa diferem das regras de língua portuguesa. Este processo é um tanto quanto complexo, sendo aconselhável por diversos manuais de redação e veículos de comunicação escrita, como grandes jornais, que se evite a separação de uma palavra em inglês ao final de cada linha. Em linhas gerais, separam-se as sílabas em inglês, levando em consideração a pronúncia da palavra. Percebe-se que no processo de tradução do poema “oração contrária (ou clamores instagrámatos)” não se seguiu qualquer norma na separação das sílabas, senão a “regra” de acompanhar o movimento do poema. A autora escolhe fazer esse caminho justamente para tentar transmitir para o falante de língua de chegada, nesse caso a língua inglesa, o sentimento expresso na língua de partida.

Autora: Daniela Galdino

Lisergia espontânea

O cheiro da tua insônia
contaminou meu travesseiro.

Há muito não lavavas teus sonhos...

No meu corpo as extremidades denunciavam
renovações e desconcertos.

Em *Inúmera* (Mondrongo, 1ª edição: 2011, 2ª edição: 2013)

Spontaneous high

The smell of your insomnia
contaminated my pillow.

It was a while since you'd last washed your dreams...

In my body
the extremities revealed
the revivals and conundrums.

In *Inúmera* (Mondrongo, 1ª edição: 2011, 2ª edição: 2013)

A autora apresenta um poema livre de 6 versos e 3 estrofes. Um poema com características emocionais que evocam sentimentos íntimos; aflora o amor com um tom conflituoso.

O título do poema “Lisergia espontânea” / “Spontaneous high” traz consigo uma palavra que a tradutora opta em não fazer uma tradução literal. É apresentada uma tradução de equivalência, onde o termo escolhido carrega em si um outro significado diante do contexto em que se encontra.

Consultando alguns dicionários da língua portuguesa, não encontramos a palavra “lisergia”. Em pesquisa informal na internet, o vocábulo “lisergia” dá conta do estado psicodélico e alucinógeno de um indivíduo.

Segundo o dicionário Cambridge, a palavra “high” em inglês, significa “alto”, no sentido de distância: “um prédio alto/uma montanha alta”¹² (CAMBRIDGE, Dictionary, tradução nossa). No entanto, há outro significado para o termo “high” que faz referência ao estado mental de alguém quando se estar drogado “não pensar ou se comportar normal por estar usando drogas”¹³ (CAMBRIDGE, Dictionary, tradução nossa).

A primeira estrofe composta por 2 versos recebe uma tradução mais próxima da literal, respeitando a estrutura da língua de chegada, não comprometendo a mensagem do poema. A segunda e terceira estrofes são traduzidas levando em consideração a equivalência e a adaptação para a língua de chegada, que neste caso é o inglês.

Tivemos a oportunidade de conversar com a organizadora e tradutora da obra “Poetas baianas – Woman poets from Bahia”, Sarah Kersley, o que julgamos essencial para entender o seu ponto de vista na produção do seu trabalho de tradução. Ao indagá-la a respeito do trabalho realizado, Sarah nos respondeu:

“Bem, na verdade, toda tradução literária envolve vários níveis de pesquisas linguísticas e culturais pela parte da tradutora/tradutor, além de um entendimento do contexto da obra da /do poeta como um todo. No meu caso, ao traduzir trabalhos de poetas da Bahia, me ajudou muito o fato da linguagem e cultura daqui já fazer parte do meu próprio cotidiano, e, portanto, isso facilitou muito em “pegar” logo certas frases, expressões e inferências culturais no texto literário. E depois de ter chegado a um entendimento, ou seja, uma interpretação do texto, vem o outro grande desafio, que é escolher como expressar essa baianidade (que obviamente cada poeta individual vai trazer de forma totalmente diferente

¹² a high building/mountain (CAMBRIDGE, Dictione. *On line*).

¹³ Not thinking or behaving normally because of taking drugs (CAMBRIDGE, Dictione. *On line*).

também), à leitora/ao leitor da língua de chegada (no meu caso, a língua inglesa).”

(Entrevista concedida pela tradutora Sarah Kersley ao autor deste artigo. Agosto de 2023).

3. *Considerações finais*

Em virtude dos fatos mencionados neste trabalho, conclui-se que a tradução literal, na visão de estudiosos que se debruçam sobre o tema, deve ser evitada. Bassnett (2003, p. 70)¹⁴, desaconselha esse tipo e tradução, “pois não é sua tarefa traduzir Língua para Língua, mas Poesia para Poesia; e Poesia é de um espírito tão sutil que, ao verter-se de uma Língua para outra, tudo se evaporará e se um novo espírito não entrar na transfusão, não restará mais do que um *Caput mortuum*”.

O mais fundamental é que o tradutor coloque os elementos cruciais do que realmente o autor quer transmitir do ponto de partida (input) para revelar o (output) do ponto de chegada, “o tradutor tem o dever de extrair do texto de partida aquilo que considera ser o núcleo essencial da obra e reproduzir ou recriar a obra na língua de chegada” (BASSNETT, 2003, p. 70). O tradutor usa sua criação na tradução com autonomia fazendo, portanto, literatura o tempo todo, deixando brechas para que o leitor repense e recrie um novo texto, o que coaduna com a metodologia ativa contemporânea de educação, instigando que o leitor seja sempre crítico.

Assim, primeiro o tradutor lê/traduz na língua de partida e, depois, através de um processo adicional de descodificação, traduz o texto para a língua alvo. Ao fazê-lo, o tradutor vai mais longe do que um simples leitor do texto original, pois aborda o texto a partir de mais de um conjunto de sistemas. Parece, portanto, descabido argumentar que a tarefa do tradutor é traduzir, mas não interpretar, como se se tratasse de dois exercícios separados. A tradução interlingüística há de reflectir seguramente a interpretação criativa que o tradutor faz do texto original. Além disso, o tipo de reprodução da forma, do metro, do ritmo, do tom, do registo, etc. será determinado tanto pelo sistema de partida como pelo sistema de chegada e depender também da função da tradução. (BASSNETT, 2003, p. 86)

Esta tradução criada e literária, também, deve ser feita na tradução de poesias, não apenas para dos autores canônicos, mas principalmente dos não canônicos, que se encontram em um lugar de não destaque no campo acadêmico e literário, mas que, “aliados à defesa da pluralidade

¹⁴ Bassnett faz referência as citações de Sir John Denham retiradas da obra de T. R. Steiner.

discursiva e da quebra de hierarquias valorativas, contribuem para a criação de novos lugares de enunciação e, conseqüentemente, para distintas práticas de sustentação dos distintos polos culturais” (SOUZA, 2002, p. 6).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACHUGAR, Hugo. *Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura*. Trad. de Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

AUBERT, Francis. A tradução literal: impossibilidade, inadequação ou meta? *Ilha do Desterro*, n. 17, p. 13-20, Florianópolis, 1 sem. 1987.

BASSNETT, S. *Estudos da tradução*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

BRITTO, Paulo Henrique. *A tradução literária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

JAKOBSON, R. Aspectos linguísticos da tradução. In: _____. *Linguística e comunicação*. Trad. de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. 5. ed. São Paulo: Cutrix, 1971. p. 63-72

FRAGA, Rosidelma. *Cânone e margem nas literaturas de língua portuguesa*. Disponível em: <https://www.portalentretextos.com.br/post/canone-e-margem-nas-literaturas-de-lingua-portuguesa>. Acesso em: 10 de agosto de 2023.

KERSLEY, Sarah Rebecca. *Poetas Baianas – Women poets from Bahia*. 1. ed. Salvador: edição independente, 2021.

PAZ, Octavio. *Traducción: literatura y literalidad*. Barcelona: Tusquets Editor, 1971.

QUEIROZ, Doralice Alves de. *Tradução: literatura e literalidade*. UFMG, 2009.

SOUZA, Eneida Maria de. *Crítica cult*. Belo Horizonte: UFMG, 2022.

ROBINSON, Douglas. *The Translator's Turn*. 1991.

Outras fontes:

CAMBRIDGE, Dictionary. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/us/dictionary/english-portuguese/high>. Acesso em: 10 de agosto de 2023.

DICIONÁRIO INFORMAL. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/lisergia/>. Acesso em: 10 de agosto de 2023.